



IV Seminário de Comunicação e Territorialidade

“Comunicação contra as desigualdades”

PósCom-Ufes – Centro de Artes – Campus de Goiabeiras
17-18 de Outubro de 2018

Os relatos de violência obstétrica e o ativismo feminino na rede Facebook

Veronica HAACKE¹
Fábio MALINI²

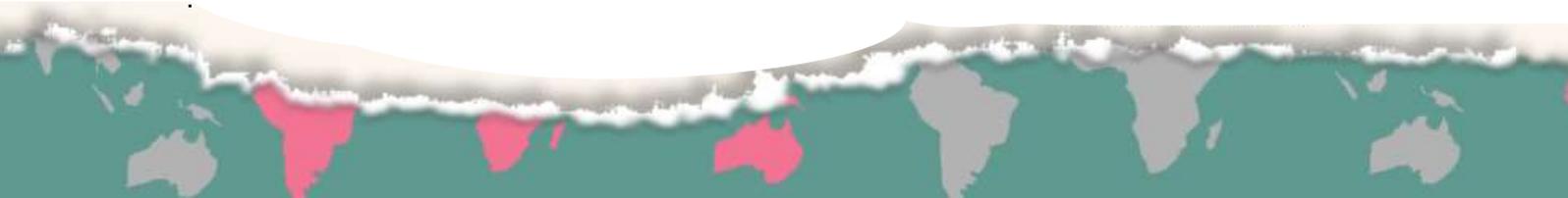
1 INTRODUÇÃO

No Brasil, segundo o Ministério de Saúde (Brasil, 2013), cerca de 57% dos partos realizados são através de cesáreas (uma porcentagem superior aos 15% recomendado pela OMS), procedimento invasivo e que por muitas vezes é executado sem a real necessidade, já que muitos dos partos não apresentam risco à mulher e ao bebê. Além das cesáreas, vários outros procedimentos de intervenções ao parto são realizados sem as necessidades devidas: uso de ocitocina para por conveniência médica, episiotomia, imobilização, privação de alimentação, entre outros.

Esses procedimentos integram a Violência Obstétrica. Esse termo é recente, sendo cunhado em 2007, através de uma lei sancionada na República Bolivariana da Venezuela – Ley orgánica sobre el derecho de las mujeres a una vida libre de violencia. O documento objetiva criar “condições para prevenir, atender, sancionar e erradicar violências contra as mulheres em qualquer de suas manifestações e âmbitos” (Venezuela, 2007). Assim, define violência obstétrica tanto de caráter físico, sexual, psíquico, material, institucional e midiático. Ou seja, qualquer ação direcionada à mulher gestante, parturiente e puérpera praticada sem o consentimento explícito da mesma, desrespeitando assim a autonomia e direito sobre seu próprio corpo.

¹ Veronica Haacke. Aluna do programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo- UFES. E-mail: veronica.rhaacke@gmail.com

² Fábio Malini Professor/Orientador do programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. E-mail: fabiomalini@gmail.com





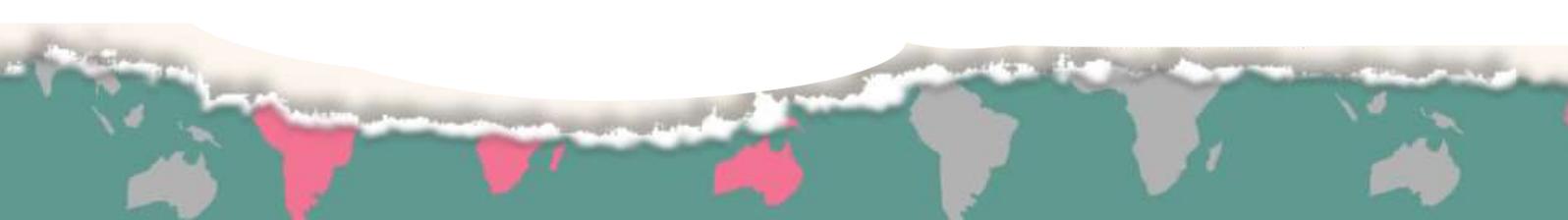
Em 2010, na pesquisa “Mulheres Brasileiras e gênero nos espaços público e privado”, realizada pela Fundação Perseu Abramo, cerca de 25% das mulheres relataram algum tipo de violência obstétrica. E é nesse cenário, como forma de reverter essa situação no país e conscientizar a população acerca do que ocorre na no processo de trabalho de parto que páginas no Facebook se direcionam a discutir essa temática.

Os espaços comuns das redes sociais online potencializaram as trocas interpessoais, como o compartilhamento de experiências maternas que se estabelecem de forma horizontalizada com o principal foco: pais e mães falando para outros pais. Assim, grupos começaram a ser formados, onde a essência principal é a troca de experiências da maternidade, desabafos, contribuições e construções coletivas sobre o ser mãe, ser pai e criar uma criança. Dessa maneira, os sites de redes sociais passaram a ser também território “[...] onde as mulheres-mães são ouvidas e partilham suas expectativas, frustrações e experiências. O arranjo mãe, mídia e especialistas não deixou de prevalecer, mas parece estar sendo reconfigurado pelas novas mídias e novas possibilidades de interação”. (TOMAZ, 2015, p.164)

São nesses grupos que os usuários tentam, de forma independente, mostrar um outro lado da situação - no caso a maternidade e nascimento - que vão em contramão às formas hegemônicas e relatadas na grande mídia tradicional. Um ativismo contra a violência obstétrica é visto nos sites de redes sociais, como maneira de conscientizar uma maior quantidade de pessoas e também, através do compartilhamento de relatos e experiências de mulheres, promover um empoderamento da mulher em seu próprio parto, que respeite suas escolhas e em que ela seja, junto ao seu filho, os principais protagonistas do momento do nascimento.

Assim, a pesquisa pretende investigar os relatos e conversações em rede a respeito de casos de violência obstétrica e como eles são capazes de agrupar e criar comunidades em que mulheres que sofreram, ou que lutam contra esse tipo de violência, se conectem e troquem suas experiências.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS





O trabalho terá etapas a serem concluídas, assim como Minayo (2007) cita os procedimentos metodológicos: formação de quadro teórico, ou seja, uma revisão bibliográfica, em que constam as categorias de estudo do trabalho; coleta de dados; organização e análise dos dados.

A primeira atividade de coleta dos dados é o mapeamento das páginas relacionadas à temática de violência obstétrica. Com o objetivo de se analisar a rede que essas páginas estabelecem, e assim perceber como se dá a formação de comunidades acerca do tema, buscou-se as páginas destinadas a essa discussão. A partir da procura dos termos “violência obstétrica”; “humanização do parto”; “violência no parto”, “violência gestante” no Facebook, chegou-se ao volume inicial de 115 páginas/grupos que abordam esse tema.

Assim, munidos desse agrupamento de páginas, iniciar-se-á outro momento da pesquisa: a coleta dos dados e sistematização dos dados. Essa etapa será realizada a partir a partir de script do LABIC denominado *Ford*³ e um aplicativo fornecido pelo próprio Facebook, o *Netvizz*⁴.

A extração dos dados pela ferramenta Facebook Feeds nos garante dados como: posts; comentários; fotos; vídeos; links; eventos; nome do usuário que realizou a publicação; localização; quantidade de likes, compartilhamentos e reactions (novos recursos do Facebook como “amei”, “haha”, “uau”). Toda a extração de dados obedecerá às normas de privacidade e também da ética de pesquisa. Assim, só serão coletadas as publicações e comentários nas páginas, grupos e eventos abertos ao público. Esses dados, posteriormente serão sistematizados em bancos de dados, com o auxílio do programa Ford e do editor de planilhas Excel e será dado o início da análise.

Para a análise qualitativa dos dados, será realizada a análise de conteúdo dos dados de publicação. Para Minayo (2007), a análise de conteúdo “diz respeito a técnicas de pesquisa que permitem tornar replicáveis e válidas inferências sobre

³ *Ford* é um script do Laboratório de Estudos de Imagem e Cibercultura da Ufes (LABIC), que tem como principal atividade a mineração e análise de dados.

⁴ o NETVIZZ é um aplicativo fornecido pelo próprio Facebook que também auxilia na extração de dados de páginas, grupos e outras funções dentro da própria rede social. (BORTOLON; MALINI; MALINI, 2015)





dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos”.

Assim, partirá de uma leitura das falas compartilhadas na rede acerca da violência obstétrica sofrida pelas mulheres, para assim, integrá-las em categorias específicas. Através da análise de conteúdo podem ser feitas as análises temáticas – que são as que o trabalho objetiva realizar. Para isso, será realizado o processo de “Modelagem de Tópicos” - recurso para encontrar os padrões presentes em grande volume de dados. Esse processo identifica os temas semelhantes existentes dentro de um banco de dados para reuni-los em categorias e subcategorias, seguindo a ideia das temáticas mais presentes.

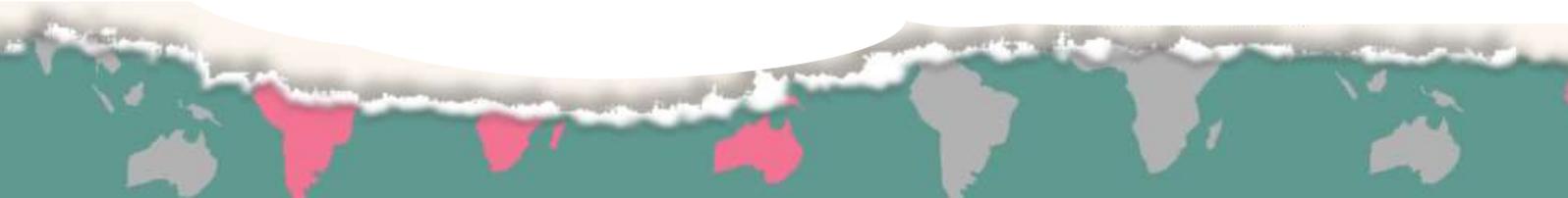
A partir disso, poder-se-á perceber quais são as temáticas mais presentes no assunto de violência obstétrica, quais as controvérsias que são geradas na rede, quais são as palavras que frequentemente são usadas, além do posicionamento dos usuários.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por ser uma pesquisa de mestrado em fase inicial, ainda se encontra em levantamento bibliográfico e de páginas, não se tem resultados apresentados. Essa pesquisa tem como objetivo investigar os relatos e os discursos em rede a respeito dos casos de violência obstétrica, buscando responder: como esses relatos são capazes de estimular formas de ativismo online contra as violências de gênero, processos de empoderamento feminino e motivar a escolha e o protagonismo feminino no momento do parto? Ademais, como, a partir desses discursos criam-se grupos e comunidades, estabelecendo relações entre os usuários e uma rede de apoio, assim como o ativismo?

4 CONCLUSÕES

A pesquisa tem relação com o tema do seminário por justamente pontuar as desigualdades no tratamento das mulheres, a forma como elas são retratadas e como os seus corpos são medicalizados e controlados, não sendo a mesma possível de fazer suas próprias escolhas e serem respeitadas por isso. Esse é um dos motivos para que cada vez mais surjam movimentos e grupos feministas que





lutem pela voz da mulher, pelo seu empoderamento e controle de seus próprios corpos. Esse ativismo vem ganhando as redes pelas suas facilidades de conexões, discussões e formação de grupos para o compartilhamento de experiências, relatos e formas de luta.

Com essa pesquisa busca-se colaborar para a compreensão de uma das formas de violência de gênero, no caso, a violência obstétrica, e como a formação das comunidades e grupos de mulheres que sofreram esse tipo de violação são uma base de apoio e esclarecimento para as mesmas.

5 PALAVRAS-CHAVE

Violência. Mulheres. Obstétrica. Redes

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº. 1.459, de 24 de junho de 2011. Brasília, 2011. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt0904_29_05_2013.html

BORTOLON, Bianca; MALINI, Marianne; MALINI, Fábio. Gênero e ativismo online: um estudo de caso da campanha Não Mereço ser Estuprada no Facebook. Vitória, 2015. Disponível em: <<http://www.labic.net/publicacao/genero-e-ativismo-online-um-estudo-de-caso-da-campanha-nao-mereco-ser-estuprada-no-facebook/>>

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado. São Paulo, 2010. Disponível em: http://www.apublica.org/wp-content/uploads/2013/03/www.fpa.org.br_sites_default_files_pesquisaintegra.pdf

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2007

TOMAZ, Renata. Feminismo, maternidade e mídia: relações historicamente estreitas em revisão. Galaxia (São Paulo, Online), n. 29, p. 155-166, 2015

VENEZUELA. *Ley Orgánica sobre el Derecho de las mujeres a una vida libre de violencia*, 2007.